

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SAMIRA VIEIRA COSTA SANTANA

ERA UMA VEZ... UM BEBÊ E SEU LIVRO:
A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA E DA LITERATURA INFANTIL PARA A
FORMAÇÃO HUMANA DOS BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS

Goiânia
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Samira Vieira Costa Santana

Título do trabalho: *Era uma vez...* Um bebê e seu livro: a contribuição da literatura e da literatura infantil para a formação humana dos bebês e crianças bem pequenas

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Cynthia Maria Jorge Viana, Professora do Magistério Superior**, em 13/06/2021, às 21:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **SAMIRA VIEIRA COSTA SANTANA, Discente**, em 14/06/2021, às 12:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2129164** e o código CRC **2B3407E7**.

SAMIRA VIEIRA COSTA SANTANA

ERA UMA VEZ... UM BEBÊ E SEU LIVRO:
A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA E DA LITERATURA INFANTIL PARA A
FORMAÇÃO HUMANA DOS BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Psicologia da Educação

Orientadora: Profa. Dra. Cynthia Maria Jorge Viana

Goiânia
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Santana, Samira Vieira Costa
ERA UMA VEZ... UM BEBÊ E SEU LIVRO: [manuscrito] : A
CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA E DA LITERATURA INFANTIL
PARA A FORMAÇÃO HUMANA DOS BEBÊS E CRIANÇAS BEM
PEQUENAS / Samira Vieira Costa Santana. - 2021.
46 f.

Orientador: Profa. Dra. Cynthia Maria Jorge Viana.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Pedagogia, Goiânia,
2021.
Bibliografia.

1. Literatura. 2. Literatura infantil. 3. Bebês. 4. Formação humana.
5. Mediadores. I. Viana, Cynthia Maria Jorge, orient. II. Título.

CDU 37:159.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos trinta e um dias do mês de maio do ano de dois mil e vinte e um iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “*Era uma vez... Um bebê e seu livro: a contribuição da literatura e da literatura infantil para a formação humana dos bebês e crianças bem pequenas*”, de autoria de Samira Vieira Costa Santana, do curso de Graduação em Pedagogia, da Faculdade de Educação da UFG. Os trabalhos foram instalados pela profa. Dra. Cynthia Maria Jorge Viana (orientadora - FE/UFG) com a participação do membro da Banca Examinadora: profa. Dra. Luciana Ponce Bellido (FE/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 10 (dez), tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Cynthia Maria Jorge Viana, Professora do Magistério Superior**, em 31/05/2021, às 20:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciana Ponce Bellido Giraldi, Professor do Magistério Superior**, em 31/05/2021, às 20:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **SAMIRA VIEIRA COSTA SANTANA, Discente**, em 09/06/2021, às 10:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2103502** e o código CRC **CB0FE868**.

AGRADECIMENTOS

A Deus, sem Ele tenho certeza de que nada seria possível.

A minha mãe, Marlúcia Aparecida, que se foi deste mundo no primeiro dia do ano de 2019. Ela torceu por mim, acreditava que eu era capaz, tinha orgulho da filha que sempre fui. Me acolheu em meus momentos de angústias e decisões difíceis, e gostaria muito que ela estivesse aqui para ver como consegui prosperar. Espero que de onde esteja saiba como estou feliz e realizada.

Ao meu pai Guimarães Vieira e meu irmão Pedro Lúcio que estiveram comigo, aguentando minhas lágrimas e meus momentos de exaustão. Meu pai que nunca deixou de ficar ao meu lado, me apoiando, dedicando todo seu amor e paciência. Um homem de honra, meu maior orgulho e exemplo de pai.

A minha profa. Dra. Cynthia Maria Jorge Viana, paz e tranquilidade em forma de gente, sempre muito responsável e comprometida durante as orientações. A professora convidada Dra. Luciana Ponce Bellido que aceitou meu convite para fazer parte da banca examinadora.

Aos meus colegas de Faculdade, sempre estivemos unidos e nos tornamos pessoas melhores durante todo o percurso da graduação. Junto construímos uma linda amizade, com carinho, respeito e companheirismo. Gabriela Mota, Mariana Udre, Claudia Queiroz, Julianny, Sara Raquel, Luiz Felipe Patury, Yago Guilherme e Gabriel vocês são demais!

Ao João Pedro, meu companheiro, e aos meus outros vários amigos e familiares que estiveram comigo sempre.

A todos meus professores que contribuíram para minha formação, desde a pré-alfabetização até o curso de Pedagogia, todos me estimularam e incentivaram. Todos que me proporcionaram conhecimento não apenas racional, mas afetivo no processo da minha formação; por tudo que dedicaram aprendi muitas coisas que levarei para a vida.

A Secretaria do curso de Pedagogia, pela cooperação.

A todos que colaboraram para a produção desse trabalho.

Ah! Tu, livro despretenso, que, na sombra de uma prateleira, uma criança livremente descobriu, pelo qual se encantou, e sem figuras, sem extravagâncias, esqueceu as horas, os companheiros, a merenda... tu, sim, és um livro infantil, e o teu prestígio será, na verdade, imortal.

Cecília Meireles

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir, a partir de estudos da área, a literatura e os bebês, assim como problematizar as possibilidades de mediação das famílias e dos professores e refletir sobre a potencialidade da literatura, especialmente da literatura infantil, na formação humana de bebês e de crianças bem pequenas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica que se baseia em estudos e referenciais relacionados ao tema e em fontes teóricas que envolvem artigos, livros e pesquisas acadêmicas. Pensa-se que a produção científica sobre esse tema é um indicativo de sua importância social e acadêmica. As principais referências discutidas neste trabalho foram as obras “A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância”, de Reys (2010) e “Problemas da literatura infantil”, de Meireles (2016); e artigos científicos, dentre eles, “Literatura para a infância no jardim de infância: contributos para o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar”, de Mendes e Velosa (2016). Para que se entenda a importância da literatura na vida dos bebês e a mediação da família e dos educadores, divide-se o trabalho em dois capítulos: no primeiro, discute-se a relação entre literatura e formação humana, traçando um panorama sobre a história da literatura infantil e seu papel na formação humana dos bebês; no segundo capítulo, reflete-se sobre a mediação literária para os bebês, a partir do contato com a família e o com papel do(a) professor(a). Desse modo, o presente trabalho traz uma reflexão sobre a importância e necessidade de a literatura estar presente na vida das pessoas desde a mais tenra idade.

Palavras-chave: Literatura. Literatura infantil. Bebês. Formação humana. Mediadores.

ABSTRACT

This paper aims to discuss, based on studies in the field, literature and babies, as well as problematize the possibilities of mediation by families and teachers and reflect on the potential of literature, especially children's literature, in the human development of babies and very young children. This is a qualitative bibliographical research that is based on studies and references related to the theme and on theoretical sources that involve articles, books, and academic research. It is thought that the scientific production on this theme is an indication of its social and academic importance. The main references discussed in this work were the works "A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância", by Reys (2010) and "Problemas da literatura infantil", by Meireles (2016); and scientific articles, among them, "Literatura para a infância no jardim de infância: contributos para o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar", by Mendes and Velosa (2016). In order to understand the importance of literature in the lives of babies and the mediation of the family and educators, the paper is divided into two chapters: the first discusses the relationship between literature and human formation, outlining an overview of the history of children's literature and its role in the human formation of babies; the second chapter reflects on literary mediation for babies, based on contact with the family and the role of the teacher. Thus, this paper reflects on the importance and need for literature to be present in the lives of people from the earliest ages.

Keywords: Literature. Children's literature. Babies. Human formation. Mediators.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. CAPÍTULO	15
1.1 A LITERATURA E SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DO SER HUMANO	15
1.2 UM PANORAMA DA HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL.....	18
1.3 LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO HUMANA DOS BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS.....	22
2. CAPÍTULO: UM ADULTO, UM BEBÊ E UM LIVRO, UM MUNDO DE DESCOBERTAS	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	44

INTRODUÇÃO

Era uma vez... uma simples frase que nos leva a outro mundo, a uma outra vida. Normalmente essa frase é usada em histórias fantásticas da literatura, tanto infantil como infanto-juvenil. Já é tão instaurada culturalmente que nem nos preocupamos com a sua origem, mas sim em prestar atenção na história que está por vir. Isso indica o quanto a literatura está presente na vida das pessoas, desde que nascemos.

Quando escrevemos nossas memórias em uma atividade da disciplina Trabalho de Conclusão do Curso I recordei a importância da leitura e da literatura em minha vida. Elas sempre estiveram presentes tanto na vida escolar como na vida social e cultural. Alinhado a isso, o tema literatura para bebês surgiu após minha experiência como estagiária em uma creche, em que pude perceber mais de perto a relação da literatura com as crianças bem pequenas, e que esse assunto merecia uma investigação mais apurada.

O mundo que a criança vive é o da experiência, do contato físico com o mundo e com a imaginação. Acerca disso, estudamos e procuramos entender, nesse trabalho, como a literatura pode contribuir para a formação humana dos bebês e das crianças bem pequenas. Como futura pedagoga é importante ter contato com essa temática pois o professor é um dos principais mediadores da literatura para a criança. O livro, as histórias, a poesia, as lendas e os contos não podem ser vistos somente para ensinar lições de moral ou instruir, mas para possibilitar sentir, conhecer e se reconhecer no mundo.

Os bebês estão em constante aprendizado. Eles são, segundo Reys (2010), construtores de significado desde o início dos seus dias de vida. A mãe é o seu primeiro contato com o mundo, a sua voz já lhe apresenta a vida, e é sua primeira representação de afeto, cuidado. Entender como a literatura afeta os bebês é importante, pois quanto mais cedo o convívio da criança com ela, mais cedo desenvolvem seu comprometimento com a linguagem, de forma espontânea, antes mesmo de ser ensinada formalmente a ler.

Abramovich (1997) em seu livro “Literatura infantil: gostosuras e bobices” entende que “[...] ler é um ato fluido, ininterrupto [...], de encantamento e de

necessidade vital, é algo que trago comigo desde muito, muito pequenina” (p. 14). E na educação infantil esse contato com a literatura se faz essencial, pois muitas vezes é na escola ou creche que a criança tem os seus primeiros contatos com os livros. Diante disso podemos refletir e questionar como a literatura e a literatura infantil podem contribuir para a formação humana dos bebês e das crianças bem pequenas. E fiz deste questionamento o meu tema principal.

Para a produção deste trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica qualitativa. Segundo Lima e Miotto (2007), a pesquisa bibliográfica, como um método, apresenta-se ao pesquisador como uma possibilidade na busca de soluções para seu problema de pesquisa. Ainda segundo as autoras, trabalhar com a pesquisa bibliográfica significa *a priori* extrema dedicação, observância das etapas, muita leitura, fazer-se questionamentos e ter olhar crítico diante do material bibliográfico. Nesse sentido, para este estudo foram trabalhados artigos científicos publicados em base de periódicos e livros de estudiosas e estudiosos na área da literatura infantil e literatura para crianças.

Os artigos foram selecionados, e dentre eles estão “Literatura para a infância no jardim de infância: contributos para o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar”, de Mendes e Velosa (2016); as dissertações de mestrado “Livros de literatura para bebês e crianças pequenas: concepções de autores e editores brasileiros premiados”, de Serra (2015) e “Existe uma literatura para bebês?”, de Galvão (2016). Neste trabalho, tem-se outras referências: Cândido (2011), Reys (2010), Zilberman (2003), Freire (1989), Werner (2017) além de Meireles (2016) e Manoel de Barros em diversos poemas que nos fazem adentrar ao mundo literário.

O trabalho foi dividido em dois capítulos, sendo o primeiro dividido em três partes. Cabe ressaltar que essa divisão é algo, de certo modo, arbitrário e representa uma possibilidade de apresentação do trabalho, já que os temas, textos e autores se articulam na tentativa de compreender a literatura e a formação humana, e a potência da literatura infantil na formação do bebê.

A intenção do primeiro capítulo se alicerça em pensar a literatura como necessária para formação humana. Já a literatura infantil é a porta de entrada dos bebês para o mundo dos livros, tendo grande importância para a formação deles e de crianças bem pequenas. Assim, discute-se como a literatura pode contribuir para a vida dos homens e como ela pode fazer com que eles compreendam seu papel em sociedade. O homem ao se conhecer tem contato com a literatura desde a mais

tenra idade a partir das canções de ninar (culturalmente estabelecidas) até o contato com obras mais específicas, utilizando a literatura para denunciar suas mazelas e, além disso, estar em contato com a arte. Na segunda parte, discute-se a história da literatura infantil, alguns de seus conceitos, como ela surgiu, quais seus primeiros objetivos, sua utilização. Iniciaremos questionamentos referentes a potencialidade da literatura na formação ética, estética e intelectual dos bebês e das crianças bem pequenas. Na terceira parte, aprofunda-se a reflexão sobre a literatura infantil na formação humana dos bebês e crianças bem pequenas. Para compreender a literatura na formação do bebê, primeiramente, precisamos conhecer o desenvolvimento do bebê: pensar nas relações que constrói a partir do nascimento; no convívio com a literatura, se ele ocorre, como ocorre e as possíveis consequências dessa convivência. Para fazer essa análise, levamos em consideração o estudo de autores que tem um recorte na psicologia histórico-cultural, entendendo o bebê como sujeito nas interações sociais, que aprende em contato com a sociedade, sendo um produtor de linguagem.

No segundo capítulo, apresentamos uma reflexão acerca da necessidade do mediador na apresentação da literatura aos bebês e crianças bem pequenas, afinal, eles apresentam ainda um repertório limitado de ações. Por esse motivo, nos perguntamos: quem faz essa mediação? A família e a pré-escola, no caso, a creche. Segundo Rodrigues (2016) “[...] o conceito de família vem se modificando conforme o andamento da sociedade em seus aspectos, político, social, econômico e cultura. Não há um consenso fixo, visto que a família sofre mudanças significativas ao longo do tempo [...]” (p. 29). Esse núcleo familiar tem o papel primordial como mediador da criança para um contato afetivo com a literatura. Depois que ela vai para a creche e esse papel passa a ser complementado com o(a) do(a) professor(a). A literatura deveria estar presente nas creches, não com objetivo somente pedagógico, mas artístico e estético.

Assim, estas são algumas reflexões e considerações realizadas a partir do objetivo proposto que é discutir, a partir de estudos da área, a literatura e os bebês, assim como problematizar as possibilidades de mediação das famílias e dos professores e refletir sobre a potencialidade da literatura, especialmente da literatura infantil, na formação humana de bebês e de crianças bem pequenas.

1. CAPÍTULO

1.1 A literatura e sua importância na formação do ser humano

[...] só não desejo cair em sensatez. Não quero a boa razão das coisas. Quero o feitiço das palavras.

Manoel de Barros

Quero o feitiço das palavras. Manoel de Barros, um poeta pós modernista brasileiro, conseguia a proeza de degustar o que escrevia. Sua poesia encanta muitas pessoas, inclusive as crianças. Sua literatura poética é mágica. A literatura em si tem esse “poder”, de encantar e ao mesmo tempo fazer refletir e imaginar, criar e se perder em pensamentos, seja na poesia ou na lírica, em livros ou escritos, contos falados e repetidos em forma de lenda. Como afirma Cândido (2011)

A literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. (p. 176).

O ser humano não consegue ficar longe da literatura, pois ela o constitui. Ele entra em contato com a arte da literatura a partir do convívio com outras pessoas. Ao mesmo tempo, o autor demonstra como a literatura é, por si, muito diversa, não restringindo-se apenas em literatura escrita. Para Cândido (2011), a literatura é indispensável para a humanização, pois ela atua no inconsciente e no consciente, conduzindo-nos a nos colocar no lugar do outro, do personagem. Cândido (2004) citado por Werner (2017) afirma, no que diz respeito aos Direitos Humanos, que há dois tipos de bens: os compreensíveis e os incompreensíveis. Os primeiros são aqueles que não expressam uma necessidade urgente, como cosméticos, roupas, etc. Já os incompreensíveis são os de necessidade imediata, que garantem a “integridade intelectual”, como os alimentos e a habitação. Nesse sentido, a literatura está nessa última classificação, porque é uma necessidade do ser humano, com a qual é impossível não estar em contato; ela é uma arte.

Para Cândido (2011) “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate” (p. 177); ela é um instrumento de denúncia das restrições e da negação dos direitos humanos. No contato mais íntimo com a literatura é que o ser humano pode compreender as mazelas da sociedade, refletir sobre o seu papel, pensar criticamente a realidade e agir sobre ela. Isso pode ser demonstrado em várias poesias de escritores, inclusive brasileiros, como Carlos Drummond de Andrade, Ferreira Gullar e Vinicius de Moraes, nas quais podemos perceber denúncias quanto a vida em sociedade, cada um em seu contexto social.

Sobre a humanização é preciso reconhecer-se em constante aprendizado e a literatura é a chave para o conhecimento. Manoel de Barros (1998) escreveu:

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou — eu não aceito.
Não aguento ser apenas um sujeito que abre
portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que
compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora,
que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.
Perdoai.
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas.
(Manoel de Barros)

O ser humano precisa reconhecer sua incompletude, buscar o conhecimento a fim de humanizar-se e, ao mesmo tempo, saber admirar e observar o mundo com os olhos das palavras, da poesia, da arte. Deste modo, a literatura sempre esteve atrelada aos direitos humanos. Segundo Cândido (2011) nunca o ser humano esteve tão próximo de dominar a natureza, mas, ao mesmo tempo em que podemos resolver os problemas sociais mais comuns, conseguimos destruir o mundo por meio da guerra, afinal nossa época é marcada por uma profunda barbárie, embora sejamos, aparentemente, civilizados.

Werner (2017), em “A leitura literária: um caminho para a humanização do sujeito”, compreende a literatura como uma área de conhecimento de grande valor para a formação e desenvolvimento humano, pois ela possibilita a reflexão. E tudo isso começa com a língua. Sobre a língua, a autora se refere ser esta “[...] uma prática coletiva efetuada por meio de um código estruturado por palavras geridas por leis que se combinam num determinado grupo particular ao qual pertencem” (p. 15),

ou seja, a língua é um processo praticado através da interação com o outro, de forma social e verbal e assim os sujeitos atuam na realidade para efetivação da comunicação.

[...] produzir linguagem é produzir discursos e esses discursos, ao serem ditos por nós, dizem alguma coisa para alguém, de uma determinada forma e num dado contexto. Assim ocorre na Literatura, discurso cujas escolhas não são aleatórias, mas decorrentes das relações históricas e das condições em que foram criadas. A Literatura assume a forma discursiva através do texto e é um instrumento de mediação simbólica que contribui significativamente para a formação humana. (WERNER, 2017, p. 20).

A linguagem faz parte do nosso dia a dia, sendo indiscutível sua importância para comunicação com o outro, de forma escrita ou não, e por esse motivo é necessário pensar sua relação com a literatura. A literatura é um direito de todo ser humano, porque faz parte da sua formação, conforme mencionado. Werner (2017) afirma que a literatura atua “[...] formando a personalidade do sujeito, ampliando sua visão de mundo, despertando pontos de vista, melhorando suas percepções” (p. 23). Ela é uma arte que nos torna mais capaz e traz autonomia, porque é conhecimento e desperta outros sentidos importantes. Porém, como a autora reforça, devemos “[...] compreendê-la como um instrumento não só de contemplação, fruição, mas como meio de desmascaramento e também mascaramento, mais um fator que constitui as contradições da humanização” (p. 24).

Freire (1989) em “A importância do ato de ler: em três artigos que se completam” defende que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Para ele, “A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (p. 9), ou seja, quando lemos algo, somos tocados pela nossa compreensão do mundo que vivemos, das nossas vivências, antes mesmo do texto em si. Freire (1989) lembrou sua infância e como fazia a leitura do mundo que vivia, entendendo que as “palavras”, as “frases” e os “textos” eram substituídos pelo canto dos pássaros, pelas cores das árvores e da natureza. Lembra o convívio com as pessoas mais velhas e as histórias de contos compartilhados por eles em roda.

[...] em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra. A decifração da palavra fluía naturalmente da ‘leitura’ do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha

casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz. (FREIRE, 1989, p. 11).

Nesse sentido, o conhecimento da escrita, da “leitura da palavra”, como nomeia Freire (1989), se dá conforme suas experimentações e vivências. Reys (2010) afirma que “[...] além de sermos nutridos e atendidos no plano fisiológico, precisamos das palavras e do afeto de que são portadoras para sobreviver” (p. 25). Por esses e outros motivos precisamos de todos os tipos de estímulos literários a todas as pessoas, desde crianças bem pequenas, como será desenvolvido mais adiante, a partir de poesias e histórias fantasiosas. A literatura infantil, além de valorizar os momentos de autoconhecimento da criança com o mundo que a rodeia, proporciona condições para o diálogo, para que em torno de cada livro lido, cada história contada, essa mesma criança tenha voz para se encontrar e encontrar o outro. Como explica Werner (2017), a literatura aumenta nossa percepção da vida, “[...] a partir de uma educação da sensibilidade, atinjamos um conhecimento que é tão importante quanto o conhecimento científico” (p. 24). Sendo assim, é possível contar e ler histórias às crianças e, sobretudo aos bebês, enquanto brincam, olham e dançam, afinal a leitura é um ato de encontro, e aí entra a literatura infantil.

1.2 Um panorama da história da literatura infantil

A literatura está conosco desde o momento em que acordamos até quando sonhamos. Como afirma Cândido (2011), em “O direito à literatura”, “A literatura é o sonho acordado das civilizações” (p. 177), e estudá-la é importante para compreender os impactos na formação humana, na nossa cultura, na nossa poesia. O conceito de literatura ganhou variações durante os séculos, sendo considerada a arte da escrita. Seu conceito depende muito do contexto histórico, social e cultural de um lugar. Ela representa tudo que o ser humano se constitui, sendo uma de suas manifestações artísticas, assim como a música e o teatro. Cândido (2011) apresenta um conceito de literatura, no qual percebemos como ela pode ser entendida de diversas formas, e nos faz pensar como literatura é indispensável ao ser humano.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático, em todos os níveis da sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (p. 176).

Meireles (2016), em “Problemas da literatura infantil”, indica, nomeando de “Literatura Tradicional”, aquela que utiliza o poder da palavra para repassar suas histórias, contos, lendas e transmitir experiências desde os tempos mais remotos. Para autora, “É que não se pode pensar numa infância a começar logo com gramática e retórica: narrativas orais cercam a criança da Antiguidade, como as de hoje” (p. 33). Durante a Idade Média as narrativas tradicionais eclodem: histórias de guerra, batalhas e heróis, alguns reais e outros imaginários que ganham poderes e muito ouro, viram inspiração para muitos escritores e contadores de histórias. Meireles (2016) afirma que “[...] é a Literatura Tradicional a primeira a instalar-se na memória da criança. Ela representa o seu primeiro livro, antes mesmo da alfabetização, e o único, nos grupos sociais carecidos de letras” (p. 50). Dessa ‘Literatura Tradicional’ surgiram os gêneros literários, que hoje foram parar nas mãos das crianças.

A literatura infantil surgiu a partir do momento em que houve mudanças quanto à forma de enxergar a criança e sua infância. As crianças compartilhavam a mesma vida cotidiana dos adultos, ouviam com eles as tradições populares, dividiam a educação escolar, eram tratados do mesmo modo. Até mesmo nas artes, a criança em si era ignorada e representada como um “miniadulto”. Com o novo modelo familiar burguês, a partir do século XVII, a criança passa a ser entendida como um ser humano que precisa de cuidados e educação. De acordo com Zilberman (2003), em “A literatura infantil na escola”, a nova constituição da família burguesa fez com que se precisassem de meios para manipular as emoções das crianças e controlar o desenvolvimento intelectual delas. A infância passa a ser uma etapa na qual ocorre uma preparação para a responsabilidade da vida adulta e, nesse sentido, necessita de uma formação ética e cognitiva, cuja “[...] pedagogia encontra um lugar destacado no contexto da configuração e transmissão da ideologia burguesa” (ZILBERMAN, 2003, p. 134).

A literatura infantil surge com um caráter pedagógico, para transmitir às crianças os valores adotados na época, com o objetivo de instruir e formar seu caráter, além de pensar na formação do ser humano com um todo. A produção literária dirigida ao público infantil ganhou força a partir do século XVII, momento em que a infância passa a obter uma maior atenção. As fábulas são exemplos da utilização de histórias e contos para fins educativos, transmissão de ética e valores. Elas eram usadas tão somente para divertir os adultos; as crianças também, mas o contato era menor, não havia um foco específico. Segundo Lima e Rosa (2012) as primeiras notícias que se tem desse gênero literário datam do século VI a.C, na Grécia, com Esopo, o qual transmitia as histórias oralmente. No século I a.C, um escravo romano chamado Fedro, registrou as histórias de Esopo e criou algumas outras fábulas. Durante o Romantismo, na França, século XVIII, surgem mais fabulistas e houve a publicação de “Fábulas e as aventuras de Telêmaco” escritas por Fénelon, inaugurando a produção literária dirigida às crianças e aos jovens. Outros autores conhecidos foram Gonçalo Fernandes Trancoso, Giovanni Battista Basile, Charles Perrault e La Fontaine¹.

As primeiras obras voltadas ao público infantil vieram de adaptações de histórias anteriormente direcionadas aos adultos. A partir do século XIX, as histórias começam a ter personagens protagonizados por crianças, sendo que anteriormente os livros escritos para a infância contavam com personagens adultos como Robinson Crusoe e “As viagens de Gulliver”. Zilberman (2003) afirma que “[...] o leitor encontra um elo visível com o texto, vendo-se representado no âmbito ficcional” (p. 73), os livros passam a ter a linguagem dos seus leitores e facilitam a identificação própria na história.

Como apresenta Zilberman (2003), a partir do estudo de Klinberg, as adaptações literárias aconteceram por assunto, forma, estilo e meio. Por *assunto*, pois o escritor da obra infantil restringe o tratamento de alguns temas, problemas e ideias, que contenham de alguma forma uma temática doutrinária “[...] que o conduza a uma aceitação de valores que colaborem em sua integração ao meio social” (p. 141); por *forma*, pois a obra deve suprir as expectativas recepcionais do

¹ Sobre isso acesse LITERATURA infantil e juvenil. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo12152/literatura-infantil-e-juvenil>>. Acesso em: 16 de Nov. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

leitor, ter desenvolvimento linear e personagens atraentes, com os quais a criança consiga se identificar; é preciso evitar trechos longos com mecanismos que incentivem a atenção da criança. Por *estilo*, pois o vocabulário utilizado não pode exceder o domínio do leitor, porém isso não significa que o escritor quando vai escrever uma obra infantil, deva transcrever o discurso infantilizado, pois a leitura potencializa o domínio linguístico, como afirma Zilberman (2003); e, por fim, por adaptação do *meio*, pois leva em consideração o aspecto do livro tanto internamente quanto externamente, seu formato e tamanho.

Até hoje a literatura infantil carrega o estigma de livros com intuito educativo e pedagógico. A partir do século XX ocorre um aumento das criações de livros voltados ao público infantil, e eles têm caráter lúdico, cultural e com temáticas envolvendo os problemas contemporâneos. São obras formadoras de consciência da vida em sociedade, como racismo, as deficiências físicas, as diferenças, a pobreza, etc. No entanto, Zilberman (2003) observa como a presença de objetivo didático nas leituras faz com que o livro se torne uma prática de dominação da criança, tornando a relação leitura e ensino problemática.

De um lado, o vínculo de ordem prática prejudica a recepção das obras; o jovem pode não querer ser instruído por meio da arte literária [...]. De outro, a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária. [...]. (ZILBERMAN, 2003, p. 16).

É preciso rever o modo como entendemos a literatura infantil, pois ela é a porta de entrada dos bebês e crianças menores para o mundo da leitura. O modo como os pais e os professores leitores entendem os livros e os entregam aos seus filhos e alunos interfere em como essa criança enxergará a leitura e, por fim, o seu gosto literário. É preciso manter o foco da literatura como uma arte, preservando sua qualidade estética, pensando na sua capacidade de possibilitar fantasias e estimular a imaginação tanto das crianças, como dos bebês, tornando-os cada vez mais sensíveis à arte. Afinal, para Cândido (2011), “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (p. 182).

1.3 Literatura infantil na formação humana dos bebês e crianças bem pequenas

Pensando na literatura e sua importância na formação humana dos bebês e das crianças bem pequenas precisamos entender primeiro o desenvolvimento dos bebês. Eles estão em constante aprendizado desde o seu nascimento, ou até mesmo antes, na barriga da mãe, pois segundo estudos atuais relacionados à monitoramentos fetais, a partir

[...] do sexto mês de gestação em diante o feto passa a maior parte de seu tempo de vigília, processando esses especialíssimos sons linguísticos cada vez mais familiares, com as qualidades exclusivas da voz da mãe e da língua ou das línguas que ela fala. (KARMILOFF; KARMILOFF-SIMTH, 2005 *apud* REYES, 2010, p. 24).

Ou seja, mesmo dentro da barriga de sua mãe, o feto já escuta os sons externos, e se familiariza com eles, sendo o som da voz da mãe sua primeira relação afetiva. É a literatura que chega “pelas orelhas”, como afirma Reys (2010), é a primeira experiência de linguagem do feto. Assim, nós seres humanos lemos antes mesmo de saber ler. O feto não compreende o significado do que está sendo dito ou lido a ele, mas aprende a reconhecer a voz da sua mãe, a “melodia e os ritmos de linguagem” que constituem os sons das pessoas a sua volta.

Além do cuidado fisiológico que precisamos para sobreviver, o ser humano também precisa de afeto e das palavras que transmitem esse sentimento. A mãe e/ou quem cuida do bebê expressam o afeto nas palavras, por meio das canções de ninar, por exemplo. Elas fazem parte da nossa cultura, quase como um costume, que “[...] transcende o uso utilitário da linguagem e transmite uma experiência estética, além do significado literal das palavras” (REYS, 2010, p. 25). O bebê precisa de disponibilidade de afeto, olho no olho e o toque também é importante, pois transmite segurança. Através da relação do bebê consigo e com o mundo, seu desenvolvimento acontece com ajuda do adulto mediador, recordando e lhe transmitindo histórias, diálogos cotidianos, que o bebê ainda não entende, mas depois estabelece relações. É o que Meireles (2016) nomeia como ‘Literatura Tradicional’: as canções de ninar cantadas pela mãe e pela família do bebê, as

histórias inventadas e contadas em ritmo musical, tudo isso faz parte da nossa cultura e marca a criança, desde a fase inicial de sua vida.

A interação da mãe com o bebê recém-nascido faz com que ele tenha seus primeiros ensinamentos de como o mundo funciona. Segundo Reys (2010) “Todos esses elementos que a mãe introduz no mundo do bebê – palavra, tato, movimento e atitude – formam um ‘envoltório’ para fixar a comunicação entre ela e o recém-nascido” (p. 31, grifo do autor). Até mesmo o choro da criança passa a ser “lido” pela mãe (choro de fome, choro de dor, necessidade de companhia), e isso acaba criando uma rotina de entendimento do bebê nas situações cotidianas, formulando uma construção social.

O recém-nascido não ‘pensa’ em nada disso, mas a estrutura prenunciada e criada pela mãe, no esforço de ler o choro e a cada vez lhe atribuir diferentes sentidos [...], fornece ao filho a base necessária para aprender a se comunicar e, não só propicia um repertório cada vez mais amplo de interações para ele, como o inscreve no tempo, como uma construção social que faz parte de suas coordenadas. (REYS, 2010, p. 31, grifo do autor).

Essa troca de entendimento da mãe com o bebê, o costume e a rotina instauradas, uma dança do diálogo mãe e filho, foi relatada no conto de Lispector “Menino a bico de pena”, citado no livro de Reys (2010), e demonstra essa relação do bebê com a mãe: “E para seu terror vê apenas isto: o vazio quente e claro do ar, sem mãe. O que ele pensa estoura em choro pela casa toda” (p. 32). Lispector (1998) traduz o momento em que o bebê percebe sua solidão, se reconhece e chora para que a mãe venha o acalantar. Seu meio de comunicação é o choro e esse precisa ser compreendido pelas pessoas que cuidam do bebê.

Segundo Galvão (2016), em “Existe uma literatura para bebês?”, “A vida do bebê é marcada, em um primeiro momento, pela incapacidade de distinguir-se da mãe, ou seja, no início, ele é parte do corpo materno” (p. 107). Aos poucos o bebê toma consciência de sua existência, e isso acontece baseado nas relações que ele mantém com sua família e com o meio em que vive. Diante da rotina, o bebê passa a negociar com a mãe e seus familiares o próprio cuidado, como é apresentado no conto de Lispector (1998) “[...] faço a barganha de ser amado, é inteiramente mágico

chorar para ter em troca: mãe” (p. 87). A partir do momento em que a criança muda seu comportamento para um fim, ou seja, para despertar atenção de seu cuidador, ela está internalizando as situações que vive.

O processo de internalização das formas culturais de comportamento é entendido por Galvão (2016), a partir das contribuições de Vygotsky, como as diversas mudanças que envolvem a “[...] reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações por signos” (p. 110). Essas mudanças acontecem da seguinte maneira: “[...] primeiramente, uma operação que inicialmente representa uma atividade externa é reconstruída e começa a ocorrer internamente; a seguir, um processo interpessoal é transformado em um processo intrapessoal” (p. 110). E segundo Vygotsky, esse processo não ocorre de forma linear, pois se dá conforme o desenvolvimento da criança, sendo respostas advindas de uma ou mais “matriz sensorial”.

Os momentos de “negociação” do bebê com a mãe através do choro são entendidos por REYS (2010) como uma experiência estética de linguagem, “[...] alguém não só lê o outro para atendê-lo, mas também para envolvê-lo entre as palavras e, ao mesmo tempo, para escrever os primeiros textos no fundo da sua memória” (p. 33). Ou seja, a criança é um sujeito poético que lê e ouve desde o início da vida. Seu corpo é um receptáculo de sensações e aprendizado. Os acalantos são os primeiros livros sem página do bebê, que atendem a sua necessidade de tocar e ouvir. O encontro da literatura por meio da poesia se baseia no ritmo e na conotação que se dá ao cantar e contar histórias, e pela sonoridade (REYS, 2010). O contato com a cultura começa cedo e isso favorece o aprendizado da criança e sua formação humana.

Embora ainda não caminhe, nosso leitor já conta com uma bagagem básica para encarar a aventura interpretativa que constitui a essência de toda leitura. Seus primeiros textos são a voz e o rosto humano, onde ele aprende a base verbal e não verbal da interação social sobre a qual se constituirá paulatinamente uma infinidade de leituras. E o fato é que no fundo ler é ‘se ver’ no outro e recorrer a estruturas visíveis para ‘lidar’ com o invisível. (REYS, 2010, p. 40, grifo do autor).

A partir do convívio frequente da criança com livros criam-se laços afetivos com ato de (ouvir) ler e estimula-se sua imaginação, além de alimentar seu intelecto colaborando com o seu desenvolvimento psicológico e emocional. A finalidade primeira da literatura para a infância é, de acordo com Mesquita (1999) citado por Mendes e Velosa (2016), “[...] promover na criança o gosto pela beleza da palavra, o deleite pela criação de mundos de ficção” (p. 124), sendo a literatura crucial para o desenvolvimento da criança, para o afeto com a leitura, para alimentar o lúdico, conhecer o mundo e inventá-lo. Assim como escreve Manoel de Barros (2015), “Escrever o que não acontece é tarefa da poesia” (p. 35), e vivenciar essas experiências é tarefa da criança.

Deve-se pensar no que se entrega à criança, no que pode ser estimulador, reflexivo e, ao mesmo tempo, sem ser um ato pedagógico forçado. O aprendizado acontece sem ser explícito, como já foi dito. Somente o conhecimento da língua formal não é suficiente para a leitura acontecer. O pré-leitor (bebê), a partir das situações do cotidiano e como reagem a essas situações, conseguirá fazer relações com os aprendizados a partir do contato com a literatura. É graças às diversas experiências e aprendizagens vividas pelos bebês e pelas crianças que, segundo Galvão (2016),

[...] as crianças vão dando contornos definidos às suas percepções e conquistando uma fidelidade imagética do objeto percebido. É importante ressaltar que são necessárias exposições repetidas aos estímulos sensoriais para que as crianças construam uma síntese do objeto e o representem mentalmente. (p. 113).

Por esse motivo o convívio dos bebês com todos os tipos de livros, todos os tipos de contato com a literatura, é importante a fim de aumentar seu acervo cultural e artístico. Os livros trazem diversos benefícios para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança em idade pré-escolar, ou seja, na educação infantil. Assim sendo, quanto mais cedo o contato da criança com o mundo da literatura e mais frequentes forem as interações com a leitura e a escrita, seja em contexto escolar ou no cotidiano da criança em casa, mais possibilidades elas poderão ter de desenvolver com maior facilidade a linguagem, de forma espontânea, como apresenta Mendes e Velosa (2016) em “Literatura para a infância no jardim de

infância: contributos para o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar”. O contato do bebê com a literatura não deve ter o intuito de escolarizar, mas sim auxiliar a criança a se envolver no universo da escrita, e valorizar a arte literária. Segundo Mendes e Velosa (2016), os livros que a criança ou o bebê tem contato precocemente podem permitir um desenvolvimento estético, pensamento divergente e crítico e educação emocional, pois esse contato faz com que comecem a perceber o mundo com outros olhos, o da imaginação, e vão além disso.

A criança precisa do adulto mediador para ter maior entendimento do que se passa nas histórias e, assim, começar sua educação literária o mais cedo possível. O adulto mediador deve entender a literatura como uma forma estética, por esse motivo é importante estimular a leitura e os gostos da criança. Mendes e Velosa (2016) asseguram que

O adulto-mediador não deve ignorar (e tampouco menosprezar) os gostos e os interesses de leitura das crianças, sob pena de estar a comprometer o seu futuro de leitores apaixonados e envolvidos com os livros e com o universo da leitura, mas não pode demitir-se da sua missão educativa que, nesse contexto, passa por lhes dar a ler livros de qualidade estética e literária – livros que alimentam a imaginação e a sensibilidade das crianças e permitem estimular o gosto pela leitura. (p. 118).

É entender que a criança é um ser histórico e social que possui sua própria história de vida e que o bebê está em formação, tanto psicologicamente quanto fisicamente e, por isso, é importante que o adulto aja de forma encorajadora das suas relações com outros objetos, principalmente os livros, afinal, o bebê precisa ter acesso a muitas variações literárias para entender o mundo, conhecer a si mesmo e explorar seus sentidos e sentimentos. Galvão (2016) considera os bebês como sujeitos sociais, culturais e entende que “[...] oferecer literatura às crianças desde a mais tenra idade é colaborar para interações de qualidade e para o seu desenvolvimento cultural, uma vez que a literatura é um compêndio histórico, social e cultural da humanidade” (p. 27). É necessário dar-lhes oportunidades de experimentar a realidade e a sua imaginação.

Abramovich (1997) em seu livro “Literatura infantil: gostosuras e bobices” explicita que a literatura aflora a imaginação da criança e, através do contato com as

histórias, ela conhece sentimentos, lida com emoções, além de poder conhecer outros lugares, outros tempos. A diversidade de temas e abordagens nas literaturas apresentadas às crianças permite também crescer às suas perspectivas de vida e conhecimento de mundo, e faz com que a criança tenha novas experiências em relação a outros caminhos, a um conhecimento mais digno e a aceitação de si e dos outros que a rodeia.

As obras literárias visam não somente ao prazer de ler/ouvir e é inquestionável que elas podem contribuir para o desenvolvimento da criança em vários níveis. De acordo com Mendes e Velosa (2016) são desenvolvidos: aspectos cognitivos, por poder relacionar o vivido e o por viver; aspectos linguísticos e literários, por potencializar a oralidade da criança, por exemplo; aspectos psicológicos, quando a criança começa a se projetar nos personagens, quando identifica situações retratadas nos livros à sua vida particular; e, aspectos sociais e morais, quando consegue distinguir valores, e quando se relaciona melhor com outras crianças e adultos.

A criança que lê não é passiva no momento da leitura, ela interage com a história e atua sobre a obra, como afirma Ferreira (2013) citado por Mendes e Velosa (2016)

O contacto precoce e sistemático da criança com o livro de qualidade é uma mais-valia no seu processo formativo a vários níveis. Para além de surpreender e de provocar deslumbramento, de alargar o capital lexical e estimular a sua compreensão leitora, a literatura infantil permite à criança, pela mediação da ficcionalidade e da construção de mundos possíveis, alternativos ao real, a compreensão da realidade que a rodeia e um posicionamento crítico e judicativo face a essa mesma realidade e face aos seus próprios modos de agir e de pensar. Através do livro, a criança vai realizando avanços e conquistas no processo de autoconhecimento, de conexão e de inserção no mundo e na sociedade, mas também no seu universo emocional e cognitivo. (p. 126).

Para que tantos benefícios sejam adquiridos pela criança, é necessário que ela tenha uma relação de cumplicidade e afeto com o livro, seja o que ela escolheu ou o que o adulto-mediador tenha escolhido. No caso do bebê esse contato é mediado e, portanto, deve-se explorar vários tipos de meios literários. Aos poucos, as histórias ganham sentido e trazem novos aprendizados para os bebês; é oferecer

possibilidades para que cada criança aos poucos descubra não somente quem ela é, mas quem ela pode ser, pois como nos mostra Reys (2010), “Não fomentamos a leitura para exibir bebês superdotados, e sim para garantir em igualdade de condições o direito a todo ser humano de ser sujeito de linguagem: de se transformar e transformar o mundo [...]” (p. 16). A criança reage emocionalmente aos livros e quanto mais ela se aquietar, mais o potencial leitor vai conseguir contemplar a leitura; quando são contadas pelos pais, por exemplo, ocorre um maior estímulo por conta do afeto familiar. Em “A importância do incentivo à leitura nos primeiros anos da infância”, Roque e Canedo (2017) também afirmam que a introdução da criança ao mundo da leitura deve começar cedo, antes do processo de alfabetização, por isso há um trabalho conjunto e constante entre a família e a escola. Os pais devem começar apresentando a criança ao mundo da leitura e os professores devem continuar na escola, como vamos explorar no segundo capítulo.

2. CAPÍTULO: UM ADULTO, UM BEBÊ E UM LIVRO, UM MUNDO DE DESCOBERTAS

Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.

Manoel de Barros

Barros (2010) em seu verso explicita muito o que tentamos reproduzir até aqui: a importância da literatura na vida das pessoas e como ela nos encanta, nos fascina, nos faz conhecer e reconhecer o outro. Como afirmam Carvalho e Baroukh (2018) “Os livros não duram para sempre, mas a relação que podemos ter com eles, a intimidade com o próprio objeto perdura e reedita-se em leituras futuras” (p. 40). Isso acontece inclusive com os bebês; eles se familiarizam com a literatura desde o nascimento, ou até mesmo antes, como já mencionado. Considerando os bebês, é possível afirmar que eles não possuem capacidade física, motora e, até mesmo, psicológica para pegar e/ou escolher livros sozinhos. Apresentam ainda um repertório limitado de ações. Por esse motivo, neste capítulo, discutiremos sobre a mediação da literatura para os bebês, que precisam de alguém para trazer a literatura até eles. E quem são as pessoas que normalmente fazem essa mediação? A família e a pré-escola, no caso, os professores.

Entendemos por mediador aquele que é responsável por promover o encontro da criança com a leitura e, por consequência, com a literatura. São os “[...] bibliotecários, pais, professores, livreiros, editores – encarregados de promover encontros inéditos e sempre em construção entre um livro e um leitor, particular, de carne e osso” (REYS, 2017, p. 48). Reys (2017) ressalta que todo projeto de leitura deve ser formado por três componentes principais: os leitores, o acervo e o mediador. O papel do mediador é importante, necessário e, até mágico, afinal é um mundo que se abre para os leitores.

Voltemos à fascinação do bebê pelas palavras para buscar nelas os materiais e as estratégias: o livro, a mão que toca, a voz que conta, guia, e inventa palácios. Talvez sejam essas estratégias simples e talvez seja isto simplesmente um mediador: a voz que conta, uma mão que inventa palácios e arquiteturas impossíveis; alguém que abre as portas proibidas e que traça caminhos e conexões entre livros e leitores. (p. 50).

Trata-se de uma pessoa que é transpassada por sua cultura; o seu trabalho é subjetivo, mas é um trabalho que apresenta o mundo da literatura para essas crianças, e tem o papel de incentivá-las a continuar a procurar as leituras e a arte. Para López (2016), “Habitar o território da literatura com os bebês merece certo regresso àquilo que a infância tem de mais poético, à ternura, ao gesto espontâneo, ao devaneio” (p. 33), ou seja, vivenciar a literatura infantil com a criança tem esse “poder” de transportar o mediador a momentos da sua infância, recordar a criança que sonha e aprende com o mundo que o rodeia. Fazer essa mediação com os bebês não significa ter a certeza de que eles se tornarão exímios leitores no futuro, mas sim pensar em garantir que serão pessoas que cultuam e valorizam a arte, e que poderão ter um senso crítico para as coisas à sua volta, afinal estamos lidando com um processo subjetivo, nada é certo.

Os pais e a família têm papel primordial quando se trata de inserir a criança no mundo literário, pois esses são verdadeiras fontes de estimulação afetiva, sendo a família o primeiro espaço de socialização desse indivíduo. O contato com a literatura vai de textos literários às tradições orais, que representam a primeira aproximação dos bebês com os textos narrativos, e isso acontece, em um primeiro momento, em casa. A primeira melodia que o bebê ouve é o som da voz da mãe; a mágica da maternidade traz consigo cultura e identidade. A mãe canta para o bebê seu cotidiano, os familiares o rodeiam com alegria e histórias fantasiosas. Aos poucos, o pequeno se familiariza, apreende e lê o mundo a sua volta; são os “[...] primeiros livros sem páginas que escrevemos na pele e na memória do bebê” (REYS, 2010, p. 34).

Conforme o bebê cresce, estabelece relações com as pessoas, passa a “ler” as expressões de seus familiares e, nesta etapa, conforme Reys (2010), “[...] além das canções de berço e em consonância com o desenvolvimento psíquico, são importantes outros textos com profundo conteúdo simbólico [...]” (p. 39). Esses outros textos podem ser representados como os joguinhos de tradição oral, que envolvem ritmo, palavra e movimento, por exemplo, “Cadê o pão que estava aqui? O rato comeu” e “A cuca vem pegar” que, além de canção de ninar, também é usada como uma forma de controle de comportamento da criança. Essas canções e brincadeiras fazem parte do momento de troca entre o bebê e seus cuidadores e

carregam consigo uma carga cultural muito forte: a canção da ‘Cuca’ por exemplo faz parte do nosso folclore nacional.

Segundo Bonnafé (2008) citado por Galvão (2016) existem dois tipos de linguagem oral ao qual todo bebê tem acesso e se relaciona: a linguagem fática e a do relato.

A primeira é a linguagem do cotidiano e expressa proximidade com a situação. Tanto assim, que fora de um contexto ela pode se tornar incompreensível. Por não estar marcada por nenhum princípio temporal, como começo, meio e fim, a linguagem factual é fluida, pouco estruturada, entrecortada, incompleta e seu sentido pode ser produzido tanto pelas palavras como pelo contexto no qual se dá a enunciação. A linguagem do relato, como o próprio nome já anuncia, tem características mais próximas da linguagem escrita. A narrativa, nessa modalidade, divide-se em sequências temporais com começo, meio e fim e, ainda, comporta uma estrutura bem definida na qual o sentido vai se construindo com o conteúdo total do texto. (p. 136).

Galvão (2016) nos faz compreender que o bebê aprende a distinguir esses dois tipos de linguagem, mas a segunda, a do relato, deve ser explorada de forma a despertar a curiosidade das crianças. As narrações que utilizam essas linguagens ganham a atenção dos bebês, pois os leva ao mundo da imaginação, e se exploradas com mímicas, entonações diferenciadas e gestos os conectam mais ainda com a história. Galvão (2016) intitula esses momentos por meio das expressões “estar em literatura” e “experiência literária”, pois são os momentos e as vivências das crianças com a arte literária em sua mais tenra idade. Os momentos de leitura literária com a criança servem de estímulo para o bebê.

Tais atividades simbólicas que se colocam em marcha durante os primeiros meses de vida oferecem chaves para entender o valor da leitura, da arte e da literatura – e do jogo, precursor de todas essas linguagens – como territórios imaginários para explorar outro território nem sempre fácil da vida real. (REYS, 2010, p. 40).

A maneira que os pais exploram a leitura e a literatura em casa é uma oportunidade para o fortalecimento de vínculos e afeto. Os momentos que a criança compartilhará com os adultos cuidadores terão consequências positivas tanto

emocionalmente, como na questão do aprendizado, porém não devemos ler com os bebês pensando somente nisso. Segundo Carvalho e Baroukh (2018), “Não importa tanto aqui o que os bebês entendem, mas sim o contato com a língua, com a sonoridade, sua musicalidade, e a riqueza da construção de nossa linguagem verbal” (p. 32). Ou seja, pensar na literatura como uma arte e a literatura infantil como uma obra estética, para que o bebê se relacione com a arte e sua cultura desde seus primeiros momentos de vida, é importante para compreender que as conexões estabelecidas na infância têm grande valor para a vida desse bebê quando jovem ou adulto.

Mas como os pais podem explorar a literatura para seus filhos ainda bebês? Como já foi mencionado, até mesmo as canções de ninar fazem parte da literatura que o bebê entra em contato desde o nascimento. A presença da poesia é marcante e essencial; nota-se o ritmo, as rimas e a utilização do recurso mais valioso e precioso que poderia existir: a voz. Segundo López (2016) “[...] a qualidade dos vínculos no início da vida tem grande relação com a possibilidade ou capacidade do devir poético” (p. 91). É a partir da exploração do mundo, das fantasias e da vivência que o bebê começa seu processo de ressignificação. A ficção passa a ser um dos primeiros meios de diversão para o bebê: por exemplo, quando brincam com ele de aviãozinho com o garfo na hora de comer é uma espécie de metáfora. Para López (2016), “[...] essa experiência, que inaugurou a disponibilidade lúdica e afetiva do adulto, deixará uma matriz para que o bebê continue projetando a fantasia” (p. 90), e a metáfora está presente na literatura, sendo importante para a construção do pensamento abstrato da criança. (LÓPEZ, 2016).

Quando lemos para uma criança compartilhamos experiências e nossas visões sobre o que está nos livros, sendo importante para as relações humanas. A literatura infantil, assim como a literatura geral, é uma grande oportunidade para troca e construção de significados compartilhados; é um trabalho de parceria. Nesse sentido, tomando como base a importância da literatura, que os bebês tenham acesso às músicas, às poesias, ao teatro e, claro, aos livros e que possam morder, brincar, sacudi-los, carregá-los consigo a fim de esperar alguém que os leia para eles e com eles. Já que segundo Lima (2017) “É importante ressaltar novamente a relevância dos estímulos para as alterações do cérebro, que se desenvolve

mediante uma complexa interação entre genética e experiências ofertadas ao infante.” (p. 57). Então, que esses momentos de constante estímulo não sejam raridade na vida desse bebê, mas sim um costume.

Assim Lima (2017) afirma “Ouçamos as crianças! O que elas nos dizem? Que querem ser. A assunção da linguagem é a assunção do desejo de ser. E cabe a nós darmos o apoio. Ser um ser de linguagem. Explorar, perguntar, tocar, morder, arriscar-se” (p. 58). Nessa perspectiva, é imprescindível a presença da diversidade de suportes literários na vivência das crianças e, sobretudo, dos bebês. Os pais e familiares podem tomar pequenas atitudes como espalhar diversos livros pela casa, fazer leitura mediada, levar os bebês e as crianças a bibliotecas e livrarias, deixá-los explorarem esses lugares, etc. Essas são atitudes que contribuem para que a leitura faça parte do cotidiano deles. De acordo com Reys (2010) “A literatura [...] é uma fonte de nutrição a que a criança recorre em busca de ferramentas mentais e simbólicas para organizar o fluxo dos acontecimentos e situar-se e revelar-se e decifrar-se, também ela, na cadeia temporal instaurada na linguagem” (p. 63). A partir do convívio com a literatura, a criança começa a ter noções da realidade que a rodeia, ao mesmo tempo em que vivencia a ficção do mundo literário.

As famílias devem refletir sobre a importância da literatura para seus filhos, mas claro que, infelizmente, não são todas as crianças que nascem em lares economicamente privilegiados no qual a literatura se faz presente. Segundo Rodrigues (2016)

A família que é conhecedora da importância que a leitura exerce em uma pessoa, sabe da responsabilidade que possui em contribuir de forma positiva, para que a leitura seja vista pelos filhos, como um mundo mágico, cheio de descobertas, fazer do livro o melhor amigo em bons e maus tempos. (p. 33).

Contudo, é necessário considerar que muitas famílias não têm condições objetivas e econômicas e acesso a informações e estudos sobre como a literatura e a literatura infantil são importantes para o desenvolvimento humano. Pensando assim, devemos compreender que isso não ocorre propositalmente, mas sim, muitas

vezes, por falta de incentivo cultural, falta de incentivo à arte², que pode ou deveria ser repensado através de políticas públicas voltadas ao incentivo à leitura e a literatura. Por isso, Lima (2017) reafirma a importância das políticas públicas para a criação, inclusive, de bibliotecas comunitárias em bairros populares e/ou periféricos e de bibliotecas em escolas públicas, afinal locais como as bibliotecas facilitam o acesso das pessoas aos livros, dentro e fora da escola.

Os pais são modelos de identificação para os filhos, bem como outras pessoas importantes que a criança e o bebê têm contato. Dentre esses adultos mediadores estão os/as professores/as alocados nas creches e escolas de primeira infância. Além disso, a partir do momento em que o bebê se encontra na creche ou no berçário, os/as professores/as passam a ser uma das principais fontes de mediação com a literatura. Em casos em que a literatura não é incentivada em casa, então, o/a professor/a fica com uma grande responsabilidade em mãos.

É preciso que a relação creche e família seja estabelecida de forma a favorecer o aprendizado e o desenvolvimento do bebê e sua relação com a literatura; que a creche tenha condições objetivas para fazer um trabalho constante de informação e formação de pais no sentido a explorar e incentivar a leitura e literatura em casa. Sobre as creches, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) esclarecem em seu 11º Artigo que as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil, que vai de 0 a 5 anos, devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que:

I - Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical; [...] III - possibilitem às

² Por que será que tantas pessoas no Brasil não leem? Sim, o Brasil não é um país de leitores assíduos, infelizmente.

<https://www.cenpec.org.br/tematicas/retratos-da-leitura-no-brasil-por-que-estamos-perdendo-leitores#:~:text=No%20Brasil%2C%20existem%20cerca%20de,setembro%2C%20com%20dados%20de%202019.&text=A%20pesquisa%20revela%20que%20houve,leitores%2C%20entre%202015%20e%202019>

<http://plataforma.prolivro.org.br/retratos.php#>

crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos. (p. 25).

Nesta Diretriz, podemos observar a preocupação de que os bebês e as crianças pequenas tenham acesso progressivo à linguagem e as formas de se expressar, utilizando-se de vários recursos, pensando também na expressão corporal da criança, que é seu principal meio de comunicação no início da vida. Além disso, é ressaltada a interação e a apreciação, ou seja, a possibilidade de propiciar momentos de escuta e de escrita (guiada ou espontânea) dessa criança pequena que está se descobrindo e descobrindo o mundo. Nesse sentido, já se pensa o bebê como uma potência, alguém de grande capacidade e que, por esse motivo, deve ter contato com vários suportes e gêneros textuais, como já foi mencionado. O documento também reconhece a criança como um sujeito histórico e de direitos que constrói sua identidade a partir das vivências e interações com o mundo. Segundo Corsino *et al.* (2016)

Na perspectiva da leitura de mundo, a Educação Infantil tem importantes funções: ampliar as experiências das crianças; dar oportunidade para elas narrarem o vivido, o observado, o sentido, o imaginado; criar um coletivo de ouvintes capazes de continuar a história uns dos outros; buscar diferentes formas de registrar as experiências individuais e coletivas do grupo/turma; tratar ciência, arte e vida de forma unificada, ou seja, não fragmentar esses campos da cultura humana e não estabelecer uma relação mecânica entre eles. Como você pode observar, a leitura de mundo que se espera que a Educação Infantil ofereça às crianças é uma ampliação das suas referências culturais de tal maneira que sejam capazes de dar continuidade com a leitura da palavra e de outras linguagens. (p. 22).

Ao voltarmos o olhar para a leitura de mundo, percebemos que Freire (1989) afirma “[...] leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (p. 13). Pensando a formação do leitor bebê é preciso investir em oportunidades que ampliem suas experiências nas creches e berçários, a fim de buscar maneiras de criar momentos diferenciados com a leitura e com a escrita, estabelecer uma relação com a arte e com a ciência para que não se fragmentem e investir na cultura para que elas conheçam a si mesmas e

aos outros, experimentando o coletivo. Para isso, os adultos mediadores, no caso os professores, têm grande responsabilidade.

E como o professor pode trazer a literatura para os bebês, pensando pedagogicamente, mas sem querer forçar uma escolarização? A fim de estimular a leitura com os bebês e as crianças, Trindade (2017) selecionou algumas alternativas simples a serem organizadas nas escolas e creches, e podem ser adaptadas para serem usadas até mesmo em casa:

1. Escolher com as crianças os livros que farão parte do acervo da sala. Dentre os títulos escolhidos, a leitura do mesmo texto pode ser tantas vezes quantas as crianças se interessarem; 2. Construir uma coleção em sala com livros escolhidos na biblioteca pelas próprias crianças permite que se envolvam com as obras; 3. Reunir vários títulos de um mesmo autor ou ilustrador pode possibilitar que as crianças passem a identificar traços das ilustrações ou os gêneros de preferência de determinado escritor; 4. Entre as crianças de 0 a 3 anos há grandes diferenças nas formas de apropriação do texto. As obras cujas imagens contam a mesma história que está no texto verbal pode possibilitar a relação do que é lido com o sentido expresso na ilustração. 5. Incluir no acervo selecionado livros literários, livros de conceitos, livros sobre culturas diversificadas permitirá que as crianças circulem por referências diversas. (p. 183).

Algumas dessas escolhas podem facilitar o acesso da criança ao livro, e ao mundo literário. Segundo Carvalho e Baroukh (2018), existem três maneiras de apresentar as narrativas literárias a qualquer idade:

[...] a transmissão oral da história, o que chamamos muitas vezes de 'contação', e que deve ser feita sem a presença do livro; a leitura em voz alta feita pelo professor ou por outra criança mais experiente; e o contato direto com os livros, mesmo quando as crianças ainda não leem convencionalmente [...]. (p. 31, grifo dos autores).

Essas indicações parecem algo pronto, prático e rápido, quando na verdade é bem complexo trabalhar a literatura com os bebês, porque como professores, somos atravessados pela nossa cultura e, muitas vezes, a formação de professor não contempla uma formação crítica que entende a criança, no caso o bebê, como um ser em desenvolvimento com grande capacidade de aprendizado. Muitas vezes o professor reconhece somente que a literatura deve ser "utilizada" em sala de aula

para fins estritamente pedagógicos e mecanicistas, não procurando estabelecer relações complexas da literatura com seu educando. Contudo, segundo Carvalho e Baroukh (2018), “O desejo de acertar é sempre grande, mas a experiência vivida aliada à falta de referências de como tratar o tema muitas vezes faz com que práticas antigas persistam” (p. 23), voltando um olhar simplório para a literatura. Por esse motivo é importante refletir sobre uma formação crítica e de qualidade em que o professor, a partir de uma base consistente de conteúdos e de informações, consiga investir em uma formação continuada e de constante aprendizado.

Sobre o mediador, seu desafio está em ser um estimulador da formação do leitor, procurar novas experiências e estratégias a fim de encontrar novos meios de fomentar o contato dos bebês e das crianças bem pequenas com a leitura literária. Segundo Mendes e Velosa (2016), “[...] deve criar contextos educativos que promovam e facilitem o contacto com diversos suportes de leitura [...] e deixar as crianças manusearem livremente esses materiais diversificados, de modo a estimular a sua curiosidade sobre o impresso” (p. 117). As autoras também afirmam que ao fazer isso o mediador não deve deixar de lado a intenção pedagógica, mas não deve ter o intuito de escolarizar o bebê, afinal a “literacia”, como elas nomeiam, contribui para “[...] o desenvolvimento de competências cognitivas, linguísticas, estéticas, socioafetivas e emocionais” (p. 117).

O desafio fundamental de um professor de literatura - desde antes do jardim de infância até a pós-graduação seria oferecer leituras e acompanhar os seus alunos a ler, criando, ao mesmo tempo, um clima de introspecção e condições de diálogo para que, em torno de cada texto se possa tecer as vozes, as experiências e as particularidades de cada criança, de cada jovem de carne e osso, com seu nome e sua história. (MENDES; VELOSA, 2016, p. 50).

O professor deve se lembrar quem é o seu público, e no caso de bebês e de crianças bem pequenas, por exemplo, eles apreciam muitas cores e histórias que propiciam um estímulo a imaginação, a brincadeiras, aos sonhos e aos contos de fadas. De maneira geral em muitas escolas e creches há um consenso em relação a considerar os livros por faixa etária, e muitas editoras já organizam seus livros dessa maneira, sugerindo o que deve ser “melhor ou não” para determinadas idades.

Muitas pessoas têm dificuldade de pensar se um livro é adequado para a criança e as editoras cumprem esse papel, porém como afirma Carvalho e Baroukh (2018) “Ainda que a divisão da literatura em faixas etárias possa funcionar como uma orientação, é importante considerar que o encontro entre o sujeito e literatura não pode ser definido apenas por esse critério” (p. 57). Nesse sentido, o professor precisa pensar: o que minhas crianças querem ouvir hoje? Para além disso, o professor deve encarar a realidade de sua vivência escolar e analisar o que o espaço da creche oferece para oportunizar o contato da criança com a literatura. Há um espaço de leitura em sala de aula ou na creche? Uma estante com livros? O que eu, como professor, posso fazer para incentivar e facilitar o contato com a literatura? A aproximação das crianças com a literatura e a literatura infantil é subjetiva, por isso ele deve sempre analisar quem é essa criança e o que ele quer fomentar com a literatura, para proporcionar a elas um meio de explorar o mundo da imaginação e da criação. Essas questões são importantes para estimular o convívio afetivo com a literatura, pois como afirma Meireles (2016), “A Literatura não é, como tantos supõem, um passatempo. É uma nutrição” (p. 20), é algo a ser colhido com o tempo.

A literatura, assim como a literatura infantil é permeada pela cultura, seguindo as formas de comunicação e as manifestações culturais existentes. Galvão (2016) afirma que a literatura infantil tem características multiformes, e por isso é bastante complexa: “[...] deparamo-nos com diferentes nomenclaturas para assinalar as obras literárias destinadas ao público infantil: literatura infantil, literatura para a infância, livros infantis, livros para crianças, entre outros” (p. 145). Por esse motivo quando se analisa um livro, se é adequado ou não para o bebê, se é considerado um livro literário infantil, deve-se pensar o espaço literário, e esse espaço nada mais é do que entender o que se compreende por literário no momento. Para ser considerado um bom livro para criança e para os bebês, o mediador deve analisar sua estrutura, afinal queremos pensar essas crianças como potenciais leitores, críticos e que participam de sua cultura. Conforme Galvão (2016)

Nosso compromisso de inserir as crianças na literatura é social e também político, uma vez que almejamos a autonomia intelectual para que elas não sejam meras repetidoras do que ouvem sem saber se colocar criticamente frente aos fatos. A literatura, como as outras artes, é um universo complexo e rico que precisa ser cultivado cotidianamente para que possamos

aprender a não prescindir dela, pois, caso contrário, se não frequentamos esses diálogos rotineiramente, podemos construir a ideia de que a literatura é uma perda de tempo ou algo muito difícil e inacessível. (p. 148).

A partir disso, compreende-se que o movimento de leitura para bebês deve se dar a partir da exploração dos sentimentos e de livros e histórias que envolvam seu cotidiano, a fim de despertar a curiosidade sobre o que está sendo dito e mostrado no livro, no sentido de ampliar seus horizontes que ainda são tão limitados. E ir além, como afirma Meireles (2016) “[...] em lugar de se classificar e julgar o livro infantil como habitualmente se faz, pelo critério comum da opinião dos adultos, mais acertado parece submetê-lo ao uso [...] da criança [...]” (p. 19). O mediador deve recorrer também a leituras literárias que o bebê possa tocar nos livros sentidos. Uma ideia é deixar o bebê pegar os livros que lhe são entregues para explorar a fala, a oralidade e a imaginação; pedir para que conte a história do livro ou que conte alguma história; explorar também sua autonomia, por meio da identificação com as histórias, etc. Ainda segundo Galvão (2016), “O itinerário infantil de leitura não se faz apenas com os livros que confirmam e relatam o seu dia a dia, mas, também, com obras que ampliem sua imaginação e suas habilidades perceptivas” (p. 154). Por esse motivo torna-se necessário recorrer a obras que vão além do que a criança já viu, ou já conhece, para explorar sua cultura, novos lugares, novas descobertas, ampliando o leque de experiências literárias.

Serra (2015) questiona se existem livros específicos para crianças de 0 a 3 anos e, para sua pesquisa de mestrado intitulada “Livros de literatura para bebês e crianças pequenas: concepções de autores e editores brasileiros premiados”, ela entrevistou escritores e representantes de editoras de livros, mostrando que as categorias criadas pelas editoras de livros infantis, na verdade, atendem à uma demanda da indústria cultural, sendo por muitos escritores e editoras, a concepção de infância vista de forma linear e etapista. Segundo Serra (2015) a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) possui uma lista de acervos em que as produções voltadas ao público infantil de bebês e crianças pequenas são divididas em:

[...] livros brinquedos, livros informativos (ex: ensinam conceitos, comportamentos, nomes), livros pop up (ex: com surpresas que saltam das páginas), livros para manipulação (ex: com texturas de pano, plástico). A questão do cuidado em sua dimensão de segurança também costuma acompanhar essa produção quando, em muitos casos, é exigido o selo do INMETRO por se tratar de material para crianças abaixo de três anos. (SERRA, 2015, p. 81).

Essa classificação é pensada a partir das demandas do mercado, e nos faz pensar, estão as crianças sendo prejudicadas por essa preocupação em dividir os livros por tipos ou finalidades? Os livros não são somente objetos. Para autora, “A preocupação com a idade das crianças como parâmetro para a produção literária é uma limitação do encontro da criança com a poesia e com a arte” (SERRA, 2015, p. 82). Ou seja, é preciso pensar a infância de forma crítica e acreditar em seu potencial narrativo a fim de manter como objetivo o encontro com a arte, pois como afirma um entrevistado nomeado por Serra (2015) como Marcelo: “A faixa etária é a morte da poesia, da arte” (p. 82), ou seja, é muito pragmático pensar na criança atrelado a sua idade, não considerando todas as suas potencialidades.

A infância é uma poesia, é deixar-se brincar pela imaginação e aprender com ela. A linguagem e a literatura fazem parte do ser, o papel do mediador é não deixar morrer a vontade de viver a arte. Manoel de Barros citado por Müller (2010) afirma: “[...] poesia para mim é a loucura das palavras, é o delírio verbal, a ressonância das letras e o ilogismo. Sempre achei que atrás da voz dos poetas moram crianças, bêbados, psicóticos. Sem eles a linguagem seria mesmal” (p. 105).

Nós, mediadores da literatura, sendo pais e/ou professores, e familiares precisamos entender a importância do nosso papel, de apresentar o mundo literário para os bebês e para as crianças pequenas de forma afetuosa, que incentive a leitura, o diálogo, a fim de não deixar morrer a arte, a poesia, que essas crianças também criem arte, vivenciem sua cultura e valorizem a estética, para que cresçam e se tornem pessoas mais críticas. Como afirma Reys (2010) “[...] talvez seja um passaporte para iniciar o percurso e para aprender o que lhe será necessário ao longo da vida” (p. 92). Todo trabalho que temos na mediação da arte literária é lidar com a incerteza, assim como quando se conta uma história, não sabemos como essa história vai terminar até acabar de ler o livro

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No existe el arte para niño; existe el Arte. No existen las ilustraciones para niños; existen las ilustraciones. No existen los colores para niños; existen los colores. No existe la literatura para niños; existe la Literatura. Partiendo de esos cuatro principios, podemos decir que un libro para niños es un buen libro cuando es un buen libro para todos.

Ruy Vidal

O trajeto escolhido ao longo da pesquisa foi no sentido de construir uma linha argumentativa que nos possibilitasse pensar como a literatura e a literatura infantil podem contribuir para a formação humana dos bebês e das crianças bem pequenas. Começamos o trabalho traçando um breve panorama sobre a literatura e sua importância na formação do ser humano como um todo. Logo de início reafirmamos que o ser humano está em constante aprendizado desde o momento de seu nascimento, ou até antes, sendo assim ele está em contato com a literatura desde sempre a partir do convívio com outros seres humanos, e para Cândido (2011), a literatura é indispensável para a humanização.

Em seguida perpassamos a literatura infantil, esta que surgiu após a ascensão da burguesia quando passaram a ter uma visão diferente no que diz respeito a infância e, nessa época, as histórias escolhidas para as crianças tinham como objetivo principal a transmissão de valores e de instrução e formação do seu caráter. Eram produções pensadas para preparar as crianças para o futuro como um trabalhador, prestando seu papel a sociedade. Até hoje a literatura infantil carrega o estigma de livros com intuito educativo e pedagógico, só que é preciso ir além. Entender a literatura infantil como uma obra artística de grande valor estético para que os bebês e as crianças pequenas possam se adentrar no mundo literário e possam ser apresentadas à arte e à cultura.

Na terceira parte do primeiro capítulo pensamos na literatura e sua importância na formação humana dos bebês e das crianças bem pequenas, e para isso analisamos uma parte do desenvolvimento do bebê, e como se dá seus primeiros contatos com o mundo da literatura. Ao nascer, além do cuidado fisiológico que precisamos para sobreviver, o ser humano também precisa de afeto e das

palavras que transmitem esse sentimento. Logo sua mãe e a sua família são os primeiros responsáveis, mediadores, pelo seu desenvolvimento, e isso acontece recordando e transmitindo histórias, diálogos cotidianos, que o bebê ainda não entende, mas depois estabelece relações, e apreende a si mesmo e ao mundo que o rodeia. Aos poucos esse bebê vai se desenvolvendo e o seu contato com a literatura deve ser mais explorado; por meio da convivência mais frequentemente com livros criam-se laços afetivos com ato de (ouvir) ler e estimula-se sua imaginação, além de alimentar seu intelecto colaborando com o seu desenvolvimento psicológico e emocional. A criança é um sujeito poético que lê e ouve desde o início da vida. Seu corpo é um receptáculo de sensações e aprendizado. O bebê precisa ter acesso a muitas variações literárias para entender o mundo, conhecer a si mesmo e explorar seus sentidos e sentimentos, e entendemos que é importante apresentar e tornar a literatura algo diário na vida da criança, não com o objetivo de escolarizar o bebê e a criança pequena, mas sim permitir crescer às suas perspectivas de vida e ao seu conhecimento de mundo, e fazer com que a criança tenha novas experiências e acesso a um conhecimento mais digno e que isso culmine na aceitação de si e dos outros que a rodeiam.

No segundo capítulo podemos compreender o papel importantíssimo do mediador na apresentação da literatura para os bebês e para as crianças bem pequenas. Já anteriormente havíamos citado a importância do contato com a mãe e seu núcleo familiar, sendo a cultura e a literatura apresentadas aos bebês através das canções de ninar e dos acalantos do dia a dia, e passamos a analisar também a importância do papel do(a) professor(a) como mediador a partir do momento em que a criança entra na creche. Mediador é aquele responsável por promover o encontro da criança com a leitura e, por consequência, com a literatura. Então isso inclui a família, os professores, os bibliotecários etc. Refletimos, durante o capítulo, sobre o trabalho importante do mediador no sentido proporcionar estímulos literários, e algumas formas para trabalhar com as crianças bem pequenas e com os bebês. Com isso, discutimos também o que seria considerado ideal para o bebê “ler”, e que nós mediadores podemos sim ir além da lógica mercadológica editorial e entregar diferentes tipos de livros com o nosso auxílio.

O professor tem um papel fundamental e, pensando em nossa formação, devemos sempre procurar nos resguardar em bases teóricas que explicitem a importância da literatura para as crianças, e recorrer à formação continuada com o intuito de ampliar nosso conhecimento acadêmico. É necessário pensar a infância de forma crítica e acreditar sempre em seu potencial narrativo a fim de manter como objetivo o encontro com a arte. Partimos do princípio de que a criança, desde bem pequena, deve ser desafiada a conhecer e se abrir para o mundo, para a arte e a para literatura, e nisso, o mediador atua como um auxiliar da criança em suas descobertas e na criação de sua identidade.

Entende-se que os objetivos propostos foram discutidos e analisados, ou seja, apreendemos a relação entre a literatura e a formação humana do bebê e das crianças bem pequenas, refletimos sobre a relação entre a literatura e o desenvolvimento humano, compreendemos a potencialidade da literatura na formação humana do bebê e discutimos o papel do mediador na inserção do bebê na literatura, as maneiras como ela ocorrem, levando em consideração os dois mediadores principais: a família e os(as) professores(as) de creches. A partir do que foi proposto podemos refletir sobre a formação humana, a fim de pensar em como os bebês e as crianças pequenas podem, por meio do contato com a literatura, serem incentivadas a se tornarem pessoas críticas que valorizam a arte e suas produções de conhecimento.

Que desde o seu nascimento, o ser humano possa estar em contato com a arte, com a música, com a poesia, com a leitura e, que no futuro, esse contato se torne um hábito diário. Partindo desse estudo, que outros pesquisadores possam procurar entender melhor as contribuições da literatura para cada fase da vida, e que procurem entender a importância da família na formação e incentivo do leitor, apesar de compreendermos que nem todas as famílias têm a oportunidade de fazer da literatura algo presente em seus lares, especialmente por falta de políticas públicas de incentivo à leitura e à cultura. Após a conclusão deste trabalho pude perceber como os estudos referentes à literatura para os bebês é recente. Acredito que se deve investigar mais as potencialidades da literatura, procurar compreender o desenvolvimento e aprendizagem dos bebês com mais afinco e preocupação, para que o trabalho pedagógico com eles seja cada vez mais estimulador.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BARROS, Manoel. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2018. p. 43

BARROS, Manoel de. **Menino no mato**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. p. 35

BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2010.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Caderno de apresentação. Coleção Leitura e escrita na educação infantil - 1.ed.- Brasília: MEC/SEB, 2016.**

_____. Caderno 4. **Bebês como leitores e autores**. Coleção Leitura e escrita na educação infantil - 1.ed.- Brasília: MEC/SEB, 2016.

_____. Caderno 5. **Crianças como leitoras e autoras**. Coleção Leitura e escrita na educação infantil - 1.ed.- Brasília: MEC/SEB, 2016.

CÂNDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. 5ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, p.171-193, 2011.

CARVALHO, Ana Carolina; BAROUKH, Josca Ailine. **Ler antes de saber ler: oito mitos escolares sobre a leitura literária**. 1. ed. São Paulo: Panda Books, 2018. 128 p.

CORSINO, Patrícia; NUNES, Maria Fernanda Rezende; BAPTISTA, Mônica Correia; NEVES, Vanessa Ferraz Almeida; BARRETO, Ângela Ribeiro. **Leitura e escrita na educação infantil: concepções e implicações pedagógicas**. In Caderno 5. Crianças como leitoras e autoras. Coleção Leitura e escrita na educação infantil - 1.ed.- Brasília: MEC/SEB, 2016.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989 – Coleção Polêmicas do nosso tempo; v.4

GALVÃO, Cristiene de Souza Leite. **Existe uma literatura para bebês?** 2016. 274 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

LIMA, Renan de Moura Rodrigues; ROSA, Lúcia Regina Lucas da. **O uso das fábulas no ensino fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita**, Centro Universitário La Salle – Unilasalle/Canoas - RS, ano 2012, v. 1, n. 1, ed. 1, maio 2012.

LIMA, Érica. **Por que ler para crianças tão pequenas – ou o que pode uma criança?** *In* LIMA, Érica; FARIAS, Fabíola; LOPES, Raquel (org.). **As crianças e os livros: Reflexões sobre a leitura na primeira infância.** Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2017. 269 p. ISBN 978-85-64559-08-0.

LIMA, Érica; FARIAS, Fabíola; LOPES, Raquel (org.). **As crianças e os livros: Reflexões sobre a leitura na primeira infância.** Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2017. 269 p. ISBN 978-85-64559-08-0.

LISPECTOR, Clarice. “Menino a bico de pena”. *In*: Felicidade Clandestina. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LITERATURA infantil e juvenil. *In*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo12152/literatura-infantil-e-juvenil>>. Acesso em: 16 de Nov. 2019. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

LOPEZ, Maria Emília. Os bebês, as professoras e a literatura: um triângulo amoroso. ***In* Caderno 4. Bebês como leitores e autores.** Coleção Leitura e escrita na educação infantil - 1.ed.- Brasília: MEC/SEB, 2016.

MENDES, Teresa and VELOSA, Marta. **Literatura para a infância no jardim de infância: contributos para o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar.** *Pro-Posições* [online]. 2016, vol.27, n.2, pp.115-132. ISSN 1980-6248.

MÜLLER, Adalberto (org.). **Manoel de Barros.** Coleção Encontros. Rio de Janeiro: Azougue, 2010.

REYS, Yolanda. **A casa imaginária: Leitura e literatura na primeira infância.** 1. ed. São Paulo: Global, 2010. 106 p. ISBN 9788526012011.

REYS, Yolanda. O triângulo amoroso. ***In* As crianças e os livros: Reflexões sobre a leitura na primeira infância.** Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2017. 269 p. ISBN 978-85-64559-08-0.

RODRIGUES, Cassia Regina Machado. **A influência da família no hábito da leitura.** 2016. 58 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016. Disponível em: https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/bitstream/prefix/31/1/TCC_InfluenciaFamiliaHabito.pdf. Acesso em: 15 fev. 2021.

SERRA, Maria Beatriz de Almeida. **LIVROS DE LITERATURA PARA BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS: concepções de autores e editores brasileiros premiados.** 2015. 113 f. Tese (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

WERNER, Luciana Rodrigues. **A leitura literária: Um caminho para a humanização do sujeito.** Dissertação (mestrado profissional) - Universidade

Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Letras, Florianópolis, 123 p. 2017.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na escola**. 11ª edição. São Paulo: Global Editora, 2003.